

A MORTE DO MESTRE AGUARELISTA ROQUE GAMEIRO

As artes plásticas portuguesas sofreram no dia 5 d'êste mês uma perda que durante muito tempo ficará irreparável. Roque Gameiro, o patriarca duma brilhante pleiade de artistas, sucumbiu aos 71 anos a um ataque de urémia. A morte pôs assim o termo brutal a uma vida feita de trabalho honesto e culto pela arte.

Foi na aguarela que Roque Gameiro se evidenciou em toda a pujança do seu admirável talento. Possuía a mais requintada ciência das côres. Tinha o segredo dos mais expressivos efeitos. E a par disso era dotado duma das mais vastas e ricas sensibilidades que nos últimos tempos se têm revelado entre os artistas portugueses.

Começou a sua vida de trabalho, que só a morte interrompeu, como litógrafo. António Augusto de Aguiar, reconhecendo a necessidade de criar o ensino técnico em Portugal, proporcionou-lhe ocasião de se especializar no estrangeiro. Roque Gameiro pôde assim estudar litografia durante dois anos na Escola de Artes e Ofícios de Leipzig e regressou depois a Lisboa onde foi nomeado professor.

A arte seduzia-o, no entanto, mais do que a técnica. Começou a consagrar-se á aguarela, onde obteve logo de entrada os mais assinalados êxitos.

Colaborou em grande numero de obras literárias que valorizou com as suas ilustrações tão sugestivas. Merecem destaque as edições monumentais de "As

pupilas do senhor Reitor," e a "História da Colonização portuguesa no Brasil". Reuniu alguns dos seus trabalhos dispersos num volume intitulado "Lisboa Velha", que editou á sua custa e que constitue um repositório inestimável dos aspectos pitorescos da nossa capital que o progresso nivelador vai suprimindo.

A sua actividade foi enorme. Expôs continuamente obtendo sempre as mais altas distinções. Os nossos museus encon-



Casa quinzentista da Rua dos Cegos

tram-se enriquecidos com obras suas, que também figuram nalguns estrangeiros, como o da Arte Contemporânea de Madrid.

Era sem dúvida, um dos artistas portugueses mais representativos dos últimos tempos, digno de enfileirar a par de Columbano e Malhoa. A propósito da edição do seu album "Lisboa Velha," o illustre crítico da arte Manuel de Sousa Pinto, a êle se referiu nestas columnas, em Agosto de 1926, nos seguintes termos:

"Artista de esmiuçadora atenção, pintor de técnica expressiva, ilustrador de raça, trabalhador com a devoção do ofício, patriarca rodeado de pinéis, tronco de artistas, Roque Gameiro fundador duma escola, reunindo em volume mais de uma centena de vistas, quadros e assuntos de Lisboa panorâmica, de Lisboa vetusta, da Lisboa fadista, da Lisboa



Roque Gameiro

sobe-e-desce, veio contribuir para a educação do olhar dos lisboetas».

E destacando uma das facetas mais curiosas do temperamento do artista, dizia ainda o mesmo illustre crítico:

"Roque Gameiro — nem o deveria ser! — não é um aristocrata. Gosta do povo como modelo, ama a rua, pelo menos como tema. Para fazer a obra que êle pacientemente vem realizando há quarenta anos não bastaria o seu talento de pintor. Impunha-se também um feitiço especial, compatível com a multidão e a impertinência do populacho».

O Município de Lisboa conferiu-lhe no ano passado a medalha de ouro da cidade, como prova de gratidão pela sua valiosa obra em prol da beleza da capital.

O funeral do grande artista constituiu uma manifestação eloquente do profundo pesar que o seu desaparecimento causou. Coberta com a bandeira do município, por motivo de Roque Gameiro ser uma das três pessoas agraciadas com a medalha da cidade, a urna foi conduzida para o cemitério dos Prazeres. Por determinação expressa do falecido, cuja modéstia era tão grande como o talento, não se realizaram turnos nem se proferiram discursos. A organização do funeral esteve a cargo do nosso camarada do *Notícias Ilustrado*, Alvaro de Andrade.

Roque Gameiro era pai de cinco filhos, dignos herdeiros da sua grande sensibilidade artística e continuadores da sua obra. São êles: D. Raquel Roque Gameiro Ottolini, D. Helena Roque Gameiro de Barros, D. Mâmia Roque Gameiro Barata, Rui Roque Gameiro e Manuel Roque Gameiro. Era sogro de Jorge Ottolini, Martins Barata e Leitão de Barros.

A toda a família e em especial ao camarada Leitão de Barros, apresenta a *Ilustração* a expressão do seu profundo pesar.



Beco do Espírito Santo, ao Chafariz de Dentro